

Smallville e a invenção das identidades: o armário de Clark Kent

Smallville and the invention of identities: Clark Kent's closet

Caio Ramos da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Ramiro Barcelos, 2705, 90035-007, Santana, Porto Alegre, RS, Brasil
ramoss.caio@gmail.com

Alexandre Rocha da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Ramiro Barcelos, 2705, 90035-007, Santana, Porto Alegre, RS, Brasil
arsrocha@gmail.com

Resumo. O objetivo deste trabalho é problematizar a noção de identidade, articulando noções da Teoria Queer e elementos da narrativa da série Smallville e observando a possibilidade de se encontrar elementos nesta série que problematizem tal noção. Com isso, a partir da ideia de uma identidade desviante, e das figuras do armário e das instituições médicas como reguladoras da vida social dos sujeitos, busca-se examinar o modo como se articulam esses conceitos, considerando, também, suas possíveis representações nos suportes midiáticos e do entretenimento. Verificou-se, com isto, que tais representações, mesmo atreladas à lógica da Indústria Cultural, são lugares de contradições e pontos de rupturas com as lógicas que instituem e legitimam certas identidades em detrimento de outras, o que permite problematizar esquemas e processos que repercutem na marginalização e na discriminação de sujeitos não legitimados na esfera social, uma realidade ainda bastante comum na atualidade.

Palavras-chaves: identidade, teoria queer, séries de televisão.

Abstract. The objective of this work is to question the notion of identity, articulating notions of Queer Theory and narrative elements of the television show Smallville, noting the possibility of finding elements in this show to help us problematize such notion. Thus, from the idea of a deviant identity, and figures of the closet and medical institutions as regulators of social life of the individuals, this work seeks to examine how these concepts are articulated, also considering its possible representations in the media and entertainment media. It was seeing that, although such representations are tied to the logic of Cultural Industry it's possible find places of contradictions and points of rupture with the logic that establish and legitimize certain identities to the detriment of other, allowing us to discuss schemes and processes that contributes for marginalization and discrimination of individuals that are not legitimate in the social sphere, a reality still quite common nowadays.

Key words: identity, queer theory, television series

Este artigo investiga a produção da identidade do protagonista da série Smallville, Clark Kent, à luz das teorias queer.

O percurso de investigação acerca dos conceitos queer e dos elementos narrativos de

Smallville evidenciou a pertinência de alguns dispositivos que irão parametrar o debate proposto neste artigo: a figura do armário, que constrói um jogo de segredo e revelações; e das instituições médicas, que estigmatizam as

diferenças, e a do conflito de identidade nos sujeitos que transgridem normas sociais. Em Smallville essas figuras convertem-se nos pilares estruturantes desta narrativa seriada.

a teoria queer proporciona uma lente adequada para desconstruir e entender Super-homem não apenas como um agente da masculinidade hegemônica e heterossexualidade compulsória, mas também como alguém que resiste às rigorosas estruturas sociais através da negociação de sua identidade dentro de um super armário. Essa teoria fornece uma moldura para interpretar esse personagem de modo além da intenção autoral¹ (Kirk, 2009, p. 23)

A partir dessa articulação entre Smallville e Teoria Queer foi possível encontrar lugares de contradições e pontos de rupturas com as lógicas que instituem certas identidades em detrimentos de outras.

A teoria queer² teve origem nos Estados Unidos em meados da década de 1980. Foi produzida por um grupo de pesquisadores bastante diversificado que voltou seu trabalho acadêmico para o estudo da diversidade sexual. Esta teoria questiona a noção de que a homossexualidade é uma corrupção de um estado essencialmente natural – a heterossexualidade. Esse estado privilegiado da heterossexualidade na sociedade será chamado, pela teoria queer, de heteronormatividade.

Destacar a heteronormatividade de nossa cultura expõe uma lógica de exclusão que marginaliza a todos que não compactuam com os modelos padronizantes dessa heteronormatividade. Historicamente, a teoria queer surge como uma maneira de questionar a unidade das identidades marginalizadas no sentido de romper, também nesse âmbito, com a lógica heteronormativa. O queer quer ser múltiplo e não se assujeitar.

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é

um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (Louro, 2004, p. 8)

Com um aumento significativo dos grupos ativistas da causa GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros), as diferenças no grupo, que antes era tomado como um todo homogêneo, começam a aparecer. Logo, a identidade gay não pode ser vista como única, mas como plural. Por conseguinte, a ideia de uma identidade manifestadamente unificadora não serve em sentido político ou discursivo à causa GLBT.

Pós-identidade e performatividade

Os estudos queer nascem preocupados em questionar as lógicas que estabelecem classificações entre os indivíduos e definindo o “normal” e, consequentemente, o desviante. Desse modo, o queer questiona a identidade como um fator limitante dos processos múltiplos dos sujeitos, uma vez que a identidade estabelece o ser e exclui o não ser, o plural, o diverso, o diferente.

Em outras palavras, a “unidade” do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória. A força dessa prática é, mediante um aparelho de produção excludente, restringir os significados relativos de “heterossexualidade”, “homossexualidade” e “bissexualidade”, bem como os lugares subversivos de sua convergência e re-significação (Louro, 2004, p. 57)

Judith Butler (2012) entende que, para discutir gênero e identidade é necessário antes entender a relação entre linguagem e as categorias que, a partir dela, vão instituir aquilo que é o masculino e o feminino marcando os lugares desses sujeitos na sociedade.

¹ queer theory provides me with a suitable lens to unpack and understand Superman not only as an agent of hegemonic masculinity and compulsory heterosexuality, but also as one who *resists* such stringent social structures through his identity negotiation within a super closet. It provides a frame for interpreting this character in a manner above and beyond authorial intent.

² O termo *queer* acabou sendo adotado entre esses estudiosos para designar essa teoria, não apenas pelo seu significado semântico, mas também pela provocação política que representa. *Queer* é um termo pejorativo comumente usado para conotar deboche que tem por alvo indivíduos homossexuais e transgêneros. O uso desse termo desafia, transgride e articula, assim, uma disposição antinormalizadora capaz de questionar o lugar comum e os modelos social e culturalmente impostos.

A heterossexualidade compulsória e o falocentrismo são compreendidos como regimes de poder/discurso com maneiras freqüentemente divergentes de responder às questões centrais do discurso do gênero: como a linguagem constrói as categorias de sexo? "O feminino" resiste à representação no âmbito da linguagem? (Butler, 2012, p.10).

Todos os corpos na cultura são cirurgiados, como diz Bento (2003), por reiterados atos de fala, ou seja, pela linguagem que os materializa. Todos os corpos são, assim, nomeados desde o seu nascimento a partir de certas características fisiológicas que determinam, em caráter normativo, um modo de ser, conforme coloca Louro (2004, p. 81): "Não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito e nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias".

O processo de demarcar as posições dos sujeitos na sociedade não abrange apenas a sexualidade e o gênero. Essas posições são definidas a partir das marcas que esses corpos carregam. Essas marcas podem ser atribuídas pelos outros ou fabricadas pelo próprio sujeito em função das roupas que vestem, o corte de cabelo que usam, a postura corporal que têm, entre outras. Os corpos possuem, assim, significados culturais, são marcados pela linguagem e atravessados por relações de poder que definem o que é "normal" para esses corpos. A partir desse entendimento, podemos questionar não somente o gênero, como também outras noções relacionadas ao sexo e ao gênero, como a homossexualidade e heterossexualidade.

Há hegemonia das identidades heterossexuais e os teóricos queer consideram que essa hegemonia se coloca com um imperativo social excluindo os outros modos de entender gênero e sexualidade. A exclusão social é um processo desencadeado pela ausência de representações de certos modos de ser no discurso dominante. Isto é, podemos apenas pensar em determinados sujeitos e somente podemos pensá-los, de determinadas formas. Os sujeitos não enquadrados na lógica dos discursos dominantes são impensáveis (Louro, 2004). Não adequar-se às normativas sociais é, em termos práticos, não existir. Nesse sentido, essas normativas determinam as condições onto-

lógicas e epistemológicas desses sujeitos, pois colocar-se fora dos espaços pré-estabelecidos na cultura é colocar-se em um lugar que não existe, tal como argumenta Butler:

Quando perguntamos, quais são as condições de inteligibilidade pelas quais o ser humano emerge, pelas quais o ser humano é reconhecido, por que algum sujeito se torna o objeto do amor humano, estamos perguntando sobre condições de inteligibilidade compostas de normas, de práticas, que tornaram-se pressupostas e sem as quais não podemos pensar o ser humano de maneira alguma³ (Butler, 2004, p. 57)

De modo análogo aos sujeitos cujas identidades estão em disputas e em desacordo com as normativas sociais, Clark Kent, a personagem protagonista de Smallville, não encontra descrição para si no mundo e, conseqüentemente, ele acaba por habitar um lugar à parte, um lugar não descrito pelas convenções sociais e culturais. Essas convenções constituem um regime de verdade e essa verdade impõe certos limites. O constrangimento e a repressão a estes sujeitos nascem da força imperativa desse regime de verdade. Estar em desacordo com esse regime acaba tendo implicações íntimas no sujeito: ele não sabe quem (o que) é, por não encontrar nas formas identitárias hegemônicas (e consagradas como verdadeiras) uma descrição para si mesmo e suas práticas. Nesse sentido, ele pode ser percebido como desviante.

Em relação à sexualidade, a concordância dos sujeitos com os discursos de poder em relação a sua sexualidade garante a inserção desses sujeitos em nossa cultura sob a condição de que exista uma coerência ordenada e continua entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. O gênero, o masculino e feminino, desse modo, constitui-se como um ideal, como ficções reguladoras que operam justamente nessa expectativa de coerência e unidade (provisória).

Perguntei-me então: que configuração de poder constrói o sujeito e o Outro, essa relação binária entre "homens" e "mulheres", e a estabilidade interna desses termos? Que restrição estariam operando aqui? Seriam esses termos não-problemáticos apenas na medida em que se conformam a uma matriz heterossexual para a conceituação do gênero e do desejo? O que acontece ao sujeito e

³ When we ask, what are the conditions of intelligibility by which the human emerges, by which the human is recognized, by which some subject becomes the subject of human love, we are asking about conditions of intelligibility composed of norms, of practices, that have become presuppositional, without which we cannot think the human at all.

à estabilidade das categorias de gênero quando o regime epistemológico da presunção da heterossexualidade é desmascarado, explicitando-se como produtor e reificador dessas categorias ostensivamente ontológicas? (Butler, 2012, p.8)

O gênero é um efeito, assim, dessas ficções: se firma e se naturaliza através de atos de fala reiterados, que marcam e determinam os lugares dos corpos na cultura e não apenas os descrevem. Os gêneros não podem ser assim atribuídos de forma natural, eles não são ontologicamente anteriores aos processos que os constituem na linguagem. O gênero para Butler:

[...] é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (2012, p. 59)

Ou seja, para Butler o gênero é uma “performance”, pois é uma expressão de certos atos discursivos que representam o gênero do sujeito. Para ela, então, a identidade de gênero é efeito e não causa de sua expressão. O gênero não pode ser entendido a priori em relação a essa performatividade - mulher e homem são representações, dependem ontologicamente do discurso - e não existem de modo objetivo, universal e anterior: “Não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero. Identidade é performativamente constituída pelas próprias “expressões” que são ditas como seus resultados”.⁴ (Butler, 2004, p. 57) O masculino e o feminino devem ser entendidos como devires que atravessam sujeitos, uma construção em andamento em que não se podem determinar os limites. Pensar desse modo implica pensar o gênero como uma prática discursiva aberta a interações e ressignificações.

À luz dessas questões, discutiremos as figuras anteriormente mencionadas - o armário e as instituições médicas e sociais - especificamente no seriado Smallville.

O armário como dispositivo regulador da vida social

Eve Sedgwick (1990) explora a figura do armário tendo como ponto de partida a dicoto-

mia conhecimento/ignorância para configurar esse armário como metáfora de um sujeito que não assumiu sua condição sexual. Problematicar a representação do armário como garantia de inserção de sujeitos homossexuais na esfera social nos permite questionar a articulação de binarismos assimétricos que evidenciam certos discursos de poder e opressão heterossexistas.

A cultura ocidental moderna tem situado aquilo que denomina sexualidade em uma relação cada vez mais privilegiada com nossas construções mais preciosas de identidade individual, verdade e conhecimento, e cada vez é mais certo que a linguagem da sexualidade não apenas coincide com outras linguagens e relações ligadas ao conhecimento, mas também as transforma⁵ (Sedgwick, 1990, p.13).

Semioticamente, o armário é a metáfora que estabelece a fronteira entre o que é aceitável na esfera social e o que não o é. O privado (das práticas sexuais) é colocado no armário como um estigma que pode ser ocultado: submete o sujeito a certos regramentos que impendem que sua condição homossexual seja conhecida (fora do armário). De fato, o armário demarca o corte que divide esse sujeito em dois, a fachada do sujeito ajustado à “maioria heterossexual” e aquilo sobre o que dever ser silenciado, aquilo que constitui uma espécie de “identidade secreta” (tal como acontece nas representações de super heróis).

O armário é entendido por Sedgwick como um mecanismo da heteronormatividade que configura o pensamento de que o sujeito é naturalmente heterossexual. Essa natureza também institui uma anterioridade ontológica, ou seja, pensar que o sujeito é naturalmente heterossexual implica aceitar que a homossexualidade é uma perversão de um estado original do sujeito. Pensar nesses sujeitos nesses termos pressupõe não somente uma ideia de correspondência necessária entre sujeito e heterossexualidade como também contribui para uma primazia da heterossexualidade em relação à homossexualidade, constituindo, assim, um binarismo assimétrico, no sentido de que a heterossexualidade se sobrepõe à homossexualidade, impondo-se, tornando-se imperativa para os sujeitos.

⁴ There is no gender identity behind the expressions of gender. Identity is performatively constituted by the very ‘expressions’ that are said to be its results.

⁵ La cultura occidental moderna ha situado lo que denomina la sexualidad em una relación cada vez más privilegiada com nuestras construcciones más preciadas de identidad individual, verdad y conocimiento, y cada vez es más cierto que el lenguaje de la sexualidad no solo coincide com otros lenguajes y relaciones ligados al conocimiento, sino que los transforma.

A sociedade espera o comportamento heterossexual e parte do princípio de que todos os sujeitos agem de acordo com essa normativa. Essa expectativa recusa a diferença, o desvio. Na figura do armário não cabem apenas modos diferentes de viver a sexualidade. Ele oculta da sociedade os comportamentos proibidos ou estigmatizados, a fim de que os sujeitos possam conviver, parcialmente ao menos, dentro das normativas sociais. Ou seja, o armário também serve de esconderijo para marcas e sujeitos que compõem outras minorias.

O sujeito silenciando sobre aquilo que está oculto coloca-se na posição de sujeição que perpetua os mecanismos de opressão social ao mesmo tempo em que esses mecanismos também passam a integrar esse sujeito. Desse modo, o armário também é uma instituição formadora da experiência desse sujeito, no sentido que colabora em perpetuar a heteronormatividade, e implica novas práticas de discurso acerca desse sujeito.

Esse processo estabelece um paradoxo para o sujeito. Se recorrer ao armário, em parte preserva condições de aceitabilidade nesse contexto heteronormativo, se o negar, saindo do armário, atende aos objetivos (também políticos) dos grupos e organizações que acreditam que a visibilidade social é condição para mobilização e posituação dessas identidades na esfera política. O armário instaura, assim, um dilema.

Sua visibilidade tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro, setores tradicionais renovam (recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física (Louro, 2004, p. 28)

Essa ideia de “sacrifício” pessoal e individual que pode transformar uma realidade coletiva é fundamental em Smallville. Será observado que esse dilema ocupará uma grande e importante parte da narrativa da série,

principalmente nas suas últimas temporadas. Clark Kent, ao chegar em Metrópolis, reluta em assumir publicamente sua condição de herói, praticando apenas pequenos atos de heroísmo e sempre escondendo-se nas sombras dos becos da cidade para ocultar sua identidade. No entanto, o debate sobre a legitimidade do herói anônimo da cidade torna-se público, acirrando tensões entre a população da cidade e os vigilantes. Com isso, Clark precisa deliberar sobre as consequências de uma exposição pública, questionando assim o seu “armário” a fim de consolidar-se como herói. Desse modo, apresenta-se como um herói em trânsito.

A série Smallville⁶ narra as aventuras de Clark Kent, que reside na fictícia cidade de Smallville, no Kansas, antes de ele tornar-se Super-homem. O que faz de Smallville diferente de outras representações do Super-homem é que na série Clark Kent não é ainda o Super-homem, Clark não veste as roupas nem mesmo atua sob a famosa designação. Smallville desconstrói os elementos da representação clássica desse personagem.

Nós não estávamos interessados em fazer um Superboy, queríamos fazer algo que fosse legal, que fosse guiado pelo personagem. Ao contrário de, digamos, Batman, Superman sempre foi o bonzinho dos super-heróis. Queríamos que o nosso Clark Kent tivesse angústia e limites, sem perder a essência do que ele será. É por isso que o Clark da série não usa o terno, não usa óculos e não pode voar.⁷ (Al Gough em entrevista para o KryptonSite, 2001)

Assim, a relação de Clark com seus super poderes é problematizada, na série, e adquire uma certa ambiguidade. A ambiguidade coloca o herói em conflito, ele horroriza-se com seus poderes ao mesmo tempo em que se admira consigo mesmo. Os poderes em Smallville são “tanto uma benção quanto são uma maldição”, como explica Fouladi (2011). Esse conflito marcado pela incerteza pode levá-lo a corromper sua moral, uma vez que incertezas são sentimentos muito humanos, o que torna o super-herói uma alegoria mais próxima do homem “real”.

⁶ É uma série de televisão estadunidense desenvolvida e produzida por Alfred Gough and Miles Millar. Ela é baseada no personagem Super-homem da DC Comics originalmente criada por Jerry Siegel and Joe Shuster. Transmiteda no Brasil pelo Warner Channel.

⁷ We weren't interested in doing Superboy, we wanted to do something that was cool and character driven. Unlike, say, Batman, Superman has always been the goody two shoes of super-heroes. We wanted our Clark Kent to have angst and edge, without losing the essence of who he grows up to be. That's why in the series Clark doesn't wear the suit, doesn't wear glasses and can't fly.

A diferença é que, naqueles quadrinhos, Clark parecia muito bem ajustado, ele jogou futebol e escondeu seus poderes, e nada era uma grande coisa. Na verdade, estamos pensando "Adivinha o quê? Ter esses poderes é uma grande coisa!"⁸ (Al Gough em entrevista para o KryptonSite, 2001)

O corpo de Clark é um corpo que deve ser permanentemente constrangido e controlado, sob o risco de expor a si e a outros ao perigo. Clark não possui ainda todos os poderes, e nem mesmo tem pleno domínio sobre aqueles que possui. Os episódios em que Clark tem que lidar com novas habilidades tematizam esta relação conflituosa que o protagonista tem com elas. Clark as teme, na medida em que perde o controle sobre elas. Por exemplo, no episódio Heat, na segunda temporada, em que ele desenvolve a visão de calor, Clark acaba provocando um incêndio em sua sala de aula ao não conseguir controlar seu novo poder, obrigando a escola a ser evacuada.

As novas habilidades de Clark evidenciam esse processo de formação que não cessa. Ele está em trânsito, ele não está determinado. Essa não determinação atribui ao personagem um sentido de instabilidade. Desse modo, nos remete a figura do viajante, como uma analogia do sujeito queer, que Louro propõe:

A imprevisibilidade é inerente ao percurso. [...] Ainda que sejam tomadas todas as precauções não há como impedir que alguns se atreiam a subverter as normas. Esses se tornarão, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição. Para eles e para ela a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões (2004, p. 16).

O corpo de Clark é, assim, indefinível, instável e incontrolável e por isso está sob suspeita e medo. No entanto, essa instabilidade e o medo desse processo desconhecido pelo qual seu corpo atravessa acarretam sofrimento no protagonista. Tal sentimento tão comum na construção narrativa do personagem encontra correspondência nos sujeitos que se tornam vítimas de exclusão e preconceito. Clark recorre ao segredo não somente para proteger-se da intervenção das instituições,

afinal ele é um alienígena, mas também por medo de não ser aceito.

Quem eu posso me tornar em um mundo tal onde os significados e os limites do assunto são definidos com antecedência para mim? Por quais normas estou constrangido no momento em que eu começo a perguntar o que eu posso tornar-me? E o que acontece quando eu começar a tornar-me, aquilo para o qual não há lugar dentro do regime dado da verdade?⁹ (Butler, 2004, p.58)

Embora se reconheça dentro de seus valores humanos, seu "supercorpo" escapa a essa demarcação: Clark tem vontades humanas, valores humanos, mas seu corpo frequentemente denuncia o desencontro entre sua constituição biológica e seu íntimo. A identidade de Clark está em disputa, está em recorrente negociação. É assim que esse personagem nos ajuda a problematizar representações identitárias, desafiando a noção de ser e a noção de humano.

O papel regulador das instituições médicas e sociais

A figura do armário em Smallville é tão presente na série quanto constitutiva de seu enredo. A trama desdobra-se à medida que os personagens desenvolvem suas relações entre si e com Clark. Com a iminência de ter seus poderes descobertos, o protagonista alimenta ainda mais a extensa rede de segredos, silêncios e mentiras que o envolvem. Essa dinâmica vai recortando as ações dos personagens e moldando a narrativa geral da produção.

Smallville é um programa sobre segredos e silêncios. Suas linhas narrativas múltiplas dependem de uma vasta e complexa rede de mentiras, segredos, adiamentos, deturpações, olhares suspeitos, e meias verdades¹⁰ (Battis, 2006, p.1)

Ser diferente em Smallville é perigoso e, por isso, a diferença deve ser segredada e silenciada. No universo da série, o perigo não corresponde apenas à rejeição social, mas também ao medo de tornar-se cobaia da medicina em testes e experiências de laboratório, ser explorado

⁸ The difference is in those comics Clark seemed very well-adjusted and he played football and he hid it, and nothing was a big deal. We're actually playing that "Guess what? Getting these powers is a huge deal!"

⁹ Who can I become in such a world where the meanings and limits of the subject are set out in advance for me? By what norms am I constrained as I begin to ask what I may become? And what happens when I begin to become that for which there is no place within the given regime of truth?

¹⁰ Smallville is a show about secrets and silences. Its multiple narrative threads depend upon avast and thriving network of lies, secrets, deferrals, misrepresentations, backward glances, and half truths.

e exposto como uma aberração da natureza e, portanto, um objeto a ser persistentemente investigado pela ciência médica. Dessa forma, Fouladi (2011, p. 91) explica: “Ao invés de algo a ser mostrado, seus superpoderes são, na maior parte da série, algo a ser escondido, guardado no armário de uma forma semelhante a segredos sobre a sexualidade de alguém”.¹¹

O perigo de confiar a outros seus segredos não coloca apenas o protagonista em risco, mas principalmente aqueles a quem ele ama. Por isso, todas as decisões de Clark sobre para quem revelar suas habilidades ao longo da série são conflituosas. “Superpoderes são segredos intimamente guardados e, quando eles se revelam aos entes queridos voluntariamente, a sequência guarda uma semelhança com revelar-se homossexual.”¹² (Fouladi, 2011, p. 106).

O primeiro personagem significativo a quem Clark releva seu segredo, Pete¹³, ao final acaba se vendo obrigado a deixar Smallville depois que é torturado e ameaçado de morte para revelar aquilo que Clark esconde. Em Smallville, portanto, “sair do armário”, ou seja, assumir-se publicamente pode ter implicações trágicas, não apenas para si, mas também para os outros.

Quando chegamos mais próximos de ver Clark concluir sua jornada em Smallville, acompanhamos uma reconfiguração desse dilema sobre revelar-se e assumir-se publicamente. A partir da oitava temporada, Clark se estabelece em Metrópolis, já trabalhando no Planeta Diário. Às noites vigia a cidade, combatendo o crime. E, à medida que sua intervenção torna-se recorrente, a população da cidade começa a perguntar quem seria esse misterioso herói. No entanto, com o surgimento de outros heróis (futuros membros daquilo que será a Liga da Justiça) atuando ao lado do protagonista no combate ao crime, alguns membros de setores públicos da cidade passam a questionar a moral desses a que eles chamam de vigilantes¹⁴. Essa discussão se acirra a ponto de o governo dos EUA elaborar uma lei que força os vigilantes a se identificarem e registrarem, numa tentativa clara de controlar e interditar as ações desses benfeitores anônimos.

É desse modo que Smallville recria um cenário análogo à figura do armário para as comunidades gays. Clark se vê preso à decisão de mostrar ao mundo quem ele é e tornar-se a representação de algo positivo. Na aceção do próprio protagonista e da cultura norte-americana, é preciso tornar-se público para que as pessoas possam confiar e acreditar nos heróis, retirando-os das sombras e da margem das instituições. Tal como a exposição dos rostos e identidades daqueles que habitam os armários da sexualidade e outras minorias, existe uma necessidade em romper com o anonimato. Tal como descreve Sedgwick:

Há riscos em enfatizar a continuidade e centralidade do armário numa narrativa histórica que não tenha como fulcro uma visão de salvação – situada no passado ou no futuro – de sua ruptura apocalíptica. Uma reflexão que careça dessa organização utópica arriscará exaltar o próprio armário, ainda que apenas por omissão; arriscará apresentar como inevitáveis ou válidas, de alguma forma, suas exigências, deformações, a impotência que causa a pura e simples dor (1990, p. 23).

Mas esse vir a público pode também representar não somente a impossibilidade de uma vida íntima e pessoal, como também pode colocar em risco a segurança de todos que cercam os heróis. Além disso, ainda existe a possibilidade de as instituições públicas ou legais se advogarem o direito sobre a tutela desses heróis, controlando-os.

A principal figura na formação de normativas sociais está no papel das instituições legais e médicas. Segundo Louro (2004), à medida que o estado moderno se organiza, as estruturas políticas ligadas ao estado passam a se ocupar cada vez mais da vida de seu povo. Com isso, surgem práticas de disciplinarização e de controle das ações individuais.

As instituições legais e médicas classificam e definem, estabelecendo hierarquias e impondo escopos aos diferentes comportamentos individuais. Nessa direção, determinam certos discursos consagrados como verdades e se instituem como um “olhar autorizado” (Louro,

¹¹ Rather than something to be shown off, his superpowers are, throughout most of the show’s run, something to be hidden, —kept in the closet— in a way similar to secrets about one’s sexuality.

¹² Superpowers are closely guarded secrets and, when they are revealed to loved ones willingly, the sequences bear a likeness to outing oneself as a homosexual

¹³ Melhor amigo de Clark desde quando eram crianças.

¹⁴ A tradução literal do termo vigilante do inglês não comporta o sentido de justiceiro (em sentido bastante pejorativo) que ele possui no idioma original.

2004) para regular práticas sociais. O saber passa a ser também poder (como afirma Foucault, 1988.) de estabelecer o “normal”

Em Smallville, a figura das instituições médicas enquanto reguladoras da vida social é bastante presente e articula diversas interdições em relação a personagens que apresentam características mutantes (isto é, personagens que rompem com as normativas e expectativas sociais). Esses personagens quando assumem o papel de vilões nos episódios são, de forma recorrente na série, colocados em uma instituição psiquiátrica dedicada especialmente a pacientes com habilidades mutantes, o sanatório Belle Reve.

Outra dessas instituições, o instituto Sumnerholt, se dedica a pesquisar atividades cerebrais consideradas “anormais”. Esse instituto promove inclusive pesquisas clandestinas em humanos, realizando experiências com pedras de meteoro. Ambas as instituições, em diferentes episódios¹⁵, desenvolvem dispositivos para controlar e, ou até mesmo, retirar os poderes dos infectados por meteoros, a fim de que estes tenham uma vida “normal”.

O medo de Clark de ter sua vida revelada “sob um microscópio” é tema e ameaça frequente na série. Na primeira temporada, em sua visita a Metrópolis, ele impede que um ônibus fora de controle atropеле um morador de rua. No entanto, um policial corrupto, Sam Phelan, assiste a tudo e tenta tirar proveito das habilidades de Clark ameaçando expor seus poderes para o mundo. Outros personagens da série também têm que lidar com o poder regulador das instituições. Chloe, no episódio Freak, é apontada como alguém infectada por meteoros. Sem, no entanto, apresentar qualquer habilidade meta-humana ela é, na sequência da narrativa, sequestrada e investigada por uma organização que recruta indivíduos que possuem habilidades em decorrência do contato com a criptonita.

As cenas que retratam esse tipo de intervenção médica-científica são sempre perturbadoras. Assim com Clark¹⁶, Chloe é presa a uma mesa em um ambiente sombrio e gélido, onde é totalmente envolvida por tubos, objetos metálicos e fios. Os planos fechados na expressão

dela ressaltam uma atmosfera de pesadelo, tal como acontece com Clark no episódio Memória. Essas cenas em que o corpo desviante é tomado como “coisa médica” (Foucault, 1988) são frequentes em Smallville e sempre produzem uma atmosfera hostil de abuso e violação desses corpos:

Mais do que as velhas interdições, esta forma de poder existe para se exercer presenças constantes, atentas e, também, curiosas; ela implica em proximidades; procede mediante exames e observações insistentes; requer um intercâmbio de discursos através de perguntas que extorquem confissões e de confidências que superam a inquisição (Foucault, 1988, p. 44)

De Smallville às teorias queer

O percurso deste artigo – ao articular as teorias queer a Smallville, uma série corriqueiramente interpretada simplesmente como produto exemplar da Indústria Cultural, na perspectiva de Adorno (2002) – nos permitiu reconhecer fundamentalmente dois pontos que nos parecem relevantes para os estudos de produção de sentidos no campo da comunicação.

O primeiro deles indica que a abrangência das problemáticas queer, que se iniciam no campo das sexualidades, podem ser expandidas para quaisquer práticas que tenham como questão-problema a emergência dos sentidos produzidos por dispositivos minoritários¹⁷. O problema das minorias – muitas vezes tematizado no campo das sexualidades – tem uma importância ético-política que o transcende.

O segundo ponto – derivado do primeiro – refere-se à desconstrução dos sentidos hegemônicos produzidos acerca de determinadas obras. Hegemonicamente Smallville é pensada desde a perspectiva da crítica ao modo de vida norte-americano. Aqui, sem negar as implicações fundamentais para a cultura que a crítica referida sugere, foi possível perceber o modo como sub-repticiamente os agenciamentos (queer) produzidos pelas minorias são eles também capazes de desestabilizar até mesmo os sentidos dos textos mais canônicos elaborados por esta mesma indústria.

¹⁵ Episódios Ryan, Unsafe e Cure.

¹⁶ No episódio Memória onde ele é submetido a uma experiência, a mando de Lex Luthor, que busca resgatar as primeiras memórias de Clark ainda bebê. Essa experiência faz parte de um plano elaborado por Lex Luthor para trazer a tona aquilo que Clark mantém em segredo.

¹⁷ Discutimos tal problemática em A dispersão na semiótica das minorias (Silva, 2001) e em Comunicação e minorias (Silva, 2008).

Referências

- ADORNO, T. 2002. *Indústria Cultural e Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 70 p.
- BATTIS, J. 2006. The Kryptonite Closet: Queer secrecy in Smallville. *Jump Cut: A Review of Contemporary Media*, 48:1-12. Disponível em: <http://www.ejumpcut.org/archive/jc48.2006/gaySmallville/index.html>. Acesso em: 05/11/2012.
- BENTO, B. 2003. Transexuais, corpos e próteses. *Labrys, Estudos Feministas*, 4. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/berenice1.htm>. Acesso em: 05/11/2012.
- BUTLER, J. 2012. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 236 p.
- BUTLER, J. 2004. *Undoing gender*. New York, Routledge, 273 p.
- FOUCAULT, M. 1988. *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 152 p.
- FOULADI, S. 2011. *Super Savior/Destroyer: Superman, Smallville, and the Superhero Genre's Spectre of Monstrosity*. Irvine, CA. Tese de doutorado. University of California, 338 p.
- KIRK, A. 2009. "Sometimes you'll feel like an outcast": Using superman to interrogate the closet. Carbon-dale, IL. Tese de doutorado. University Carbon-dale, 168 p.
- KIPTONSITE. 2001. Disponível em: <http://www.kryptonsite.com/>. Acesso em: 05/11/2012.
- LOURO, G.L. 2004. *Um Corpo Estranho: Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer*. Belo Horizonte, Autêntica, 90 p.
- SEDGWICK, E. K. 1990. *Epistemology of the Closet*. Los Angeles, University of California Press, 258 p.
- SILVA, A.R. 2001. *A dispersão na semiótica das minorias*. São Leopoldo, Unisinos, 149 p.
- SILVA, A.R. 2001. 2008. *Comunicação e minorias: das mediações às dispersões*. Viamão, Entremeios, 133 p.
- SMALLVILLE WIKI. 2010. Disponível em: http://smallville.wikia.com/wiki/Smallville_Wiki. Acesso em: 10/11/2012.

Submetido: 01/08/2013

Aceito: 03/11/2013